

OCORRÊNCIA DE LEISHMANIOSE EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIMAR ENTRE OS ANOS DE 2015-2019, IMPORTÂNCIA NA SAÚDE PÚBLICA, SINAIS CLÍNICOS E PREVENÇÃO.

Congresso Iberoamericano de Saúde Pública Veterinária, 2ª edição, de 10/08/2020 a 15/08/2020
ISBN dos Anais: 978-65-86861-21-1

GERVASIO; Mariana Luquetti ¹, OLIMPIO; Mariana Silva ², DESORDI; Bianca Lima ³, FRIOLANI; Milena ⁴

RESUMO

A leishmaniose é uma zoonose de transmissão vetorial em que os cães são os principais reservatórios, considerada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) um problema de saúde pública mundial e endêmica no Brasil, sendo 90% dos casos da América Latina provenientes do nosso país. É causada por um protozoário intracelular obrigatório do gênero *Leishmania*, o vetor é um flebotomíneo, *Lutzomyia longipalpis*, infecta principalmente mamíferos, sendo os cães reservatórios urbanos. Existem duas apresentações clínicas, a tegumentar causada pela *Leishmania braziliensis*, que afeta pele e mucosas e a visceral causada principalmente pela espécie *Leishmania chagassi* que possui manifestações mais graves afetando fígado, baço, linfonodos e intestinos, que quando não diagnosticada e tratada de forma precoce pode levar ao óbito em 90% dos casos. O objetivo desse trabalho é avaliar a quantidade casos diagnosticados de leishmaniose nos anos de 2015-2019, analisando seus sinais clínicos, fatores de risco e sua prevenção. Realizou-se um levantamento de dados através de fichas dos animais atendidos no Hospital Veterinário da Unimar, em todos os casos eram cães, sem predisposição por idade, raça e sexo. Observou-se no ano de 2015, 22 casos, com aumento progressivo nos três anos seguintes, sendo 2016 com 31, 2017 com 37 e 2018 com 45, este o ano em que mais ocorreu e por fim, 2019 com queda para 27, totalizando 162 casos confirmados de leishmaniose canina em cinco anos. A doença em cães pode ser assintomática e em humanos pode ser confundida com outras enfermidades devido aos sintomas inespecíficos, pois em ambos dependem da resposta imunológica e local da deposição dos imunocomplexos (cutâneo ou visceral). Geralmente os cães desenvolvem a forma visceral e 90% também apresentam envolvimento cutâneo, sendo os principais sinais clínicos linfadenomegalia, hepatoesplenomegalia, caquexia, onicogrifose, lesões ao redor dos olhos e orelhas. Devido a deposição de imunocomplexos pode ocorrer sinais de lesão renal, ocular, e no trato gastrointestinal. Já em humanos os sintomas da forma visceral mais observados são febre, hepatomegalia, fraqueza, perda de peso e na forma tegumentar lesão de pele única ou difusa que pode envolver mucosas. O principal fator de risco é a exposição ao vetor, que possui alta

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília, gervasiomariana@gmail.com

² Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília, marianaolimpio@outlook.com

³ Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília, biancadesordi@hotmail.com

⁴ Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília, mfriolani@hotmail.com

disseminação nas américas e sazonalidade em períodos quentes, outro fator são os locais onde há matéria orgânica em decomposição, principalmente zonas rurais, pois é o habitat do vetor e também os cães assintomáticos que são fonte de infecção para humanos e outros animais. A principal forma de prevenção é evitar o contato do cão com o vetor, através do uso de coleiras específicas, de repelentes locais, imunoprofilaxia e retirada do excesso da matéria orgânica. Todo animal diagnosticado com leishmaniose era indicado a eutanásia, porém atualmente é aprovado pelo MAPA o uso de Miltefosina que reduz a carga parasitária, diminuindo os sinais clínicos e a chance desse animal ser um reservatório, porém não leva cura, podendo ocorrer recidivas. Conclui-se que a leishmaniose é doença endêmica principalmente em regiões tropicais, sendo um importante problema de saúde pública devido à proximidade de cães com os humanos, sinais inespecíficos que dificultam o diagnóstico e o tratamento precoce, logo a prevenção é a melhor maneira de evitar que os cães sejam reservatórios, minimizando a transmissão.

PALAVRAS-CHAVE: Leishmaniose, Saúde pública, Zoonose

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília, gervasiomariana@gmail.com

² Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília, marianaolimpio@outlook.com

³ Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília, biancadesordi@hotmail.com

⁴ Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Marília, mfriolani@hotmail.com